



NOSSA APOSTA ALICE MICELI

A carioca investiga traumas coletivos, como a tragédia de Chernobyl, e os converte em trabalhos que se destacam no circuito da arte contemporânea POR AMANDA KAMANCHEK FOTO ALEXANDRE REZENDE

Ela percorreu mais de dez vezes o extenso trajeto ferroviário que liga Berlim, onde morava, a Minsk, capital da Belarus. Mal saía do trem, se encontrava com os cientistas Christine Frenzel e Edmund Lengfelder, ambos do Otto Hug Strahleninstitut, uma ONG alemã que presta assistência às vítimas de radiação. Levados pelo motorista Slava, os três viajavam de carro por uma hora até cruzar a fronteira com a Ucrânia e desembarcar em Chernobyl. O vilarejo - hoje desabitado e com acesso restrito - vivenciou o maior acidente nuclear da história no dia 26 de abril de 1986, quando o reator de uma usina explodiu, produzindo uma imensa e danosa nuvem radioativa.

“Era criança, mas me lembro bem da tragédia. Para mim, àquela época, Chernobyl virou sinônimo de lugar mal-assombrado”, conta Alice Miceli, a artista de 31 anos que, entre 2007 e 2010, se aventurou pela região na companhia dos dois cientistas. Franzina, com um jeito calmo de falar que denuncia tanto o sotaque carioca quanto a língua presa, ela vem se destacando graças a trabalhos que exploram uma questão espinho-

sa: de que maneira enfrentamos os traumas do passado, em especial os que dizem respeito à memória coletiva?

Enquanto visitava Chernobyl, Alice precisou seguir algumas regras. Por exemplo: não tinha permissão para comer nem colocar as mãos na boca - do contrário, poderia se contaminar com a radiação que continua pairando sobre o vilarejo ucraniano. Em contrapartida, não necessitou de roupas especiais ou capacete, já que o contágio através da pele acontece apenas depois de uma longa permanência na área afetada.

As incursões originaram o *Projeto Chernobyl*. Trata-se de uma série de 30 negativos, cada um com tamanho de 30 x 40 cm, que ostentam apenas manchas semelhantes à fumaça de um cigarro. Tais manchas são, na verdade, vestígios da radiação invisível a olho nu. São igualmente uma evocação dos males que cometeram os antigos moradores da região e uma evidência das ameaças ainda existentes por lá. A artista só captou os “rastros” porque desenvolveu uma pinhole (câmera fotográfica artesanal) que utiliza filmes sensíveis à radiação, mas não à luz.

Inusitado e desconcertante, o *Projeto Chernobyl* acabou impulsionando sua carreira. Logo depois de concluído, em 2010, chegou à 29ª Bienal de São Paulo e, há dois meses, virou o carro-chefe da primeira mostra individual de Alice no país, organizada pela galeria paulistana Nara Roesler. Não bastasse, também lhe rendeu um convite para que exibisse outra criação, em janeiro deste ano, na Meulenstein Gallery, de Nova York: o vídeo *88 de 14.000*. Com duração de 55 minutos, a obra reúne fotos de 88 dos 14 mil prisioneiros que o governo comunista do ditador cambojano Pol Pot assassinou no centro de interrogatórios S-21 ao longo da década de 1970. “Uma das qualidades de Alice é justamente o talento para promover a convergência entre a arte contemporânea, o vídeo e a fotografia”, avalia a crítica Paula Alzugaray.

Formada em cinema na França, a artista tem ainda outra peculiaridade: uma irmã gêmea univitelina. Seu vídeo de estreia, aliás, aborda a relação com Carolina, que é funcionária do Itamaraty. Em *Ínterim/Autorretrato*, de 2004, uma foto de Alice vai lentamente se transformando na imagem da irmã.

AMANDA KAMANCHEK é jornalista.

Alice Miceli rodeada pelos negativos manchados que compõem o Projeto Chernobyl. O trabalho participou da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010